

**Autonomia estética da literatura infantil e juvenil
e formação de leitores: da imagem à palavra escrita¹**
*Aesthetic autonomy of children literature
and the development of readers: from the image to the written word*

Liliane Maria JAMIR E SILVA²

Resumo: Este estudo versa sobre a autonomia estética da literatura infantil e juvenil e sua importância na formação de leitores. A autonomia dessa literatura se fundamenta tanto na identificação de caracteres próprios de sua natureza, do ponto de vista ideológico e formal, quanto em sua identificação como sistema, na esteira de Antonio Candido, pelo fato de já possuir um público definido, autores que se dedicam com exclusividade à produção dessa arte literária e um conjunto de obras de gêneros diversos catalogadas como tal. Além disso, destacamos a imagem/ilustração como elemento fortalecedor dessa autonomia, na medida em que, por si mesma ou dialogando com o texto escrito, funciona como motivação e estímulo ao leitor iniciante.

Palavras-chave: Literatura infantil e juvenil. Autonomia estética. Formação de leitores.

Abstract: This study focuses on the aesthetic autonomy of children literature and its importance in educating readers. This autonomy is based on either identifying characteristics that are proper of its nature from the formal and ideological standpoints or on its identification as a system in the light of Antonio Candido's ideas, due to the fact of already owning a defined audience as well as authors engaged exclusively with the production of this literary art and a collection of works of various genres cataloged as such. Moreover, we highlight images/illustration as an strengthening element of this autonomy to the extent that by itself or in dialogues in the written text, it serves as motivation and encouragement to the novice reader.

Keywords: Child and adolescent literature. Aesthetic autonomy. Formation of readers.

Em busca de uma definição convincente

Para se falar de autonomia estética da Literatura Infantojuvenil, é preciso, inicialmente, refletir sobre o que caracteriza sua natureza e sua singularidade, já que o conceito de LIJ, distinto de uma literatura mais ampla, tem demandado questionamentos que implicam a delimitação de seu acervo como objeto de estudo. Haveria, de fato, uma literatura com características próprias e com função específica, comparando-se à literatura produzida para os adultos? Em caso afirmativo, como seria essa literatura? Que parâmetros estéticos seriam adotados para categorizar determinada obra como literatura infantojuvenil?

A questão não é tão simples, principalmente quando a resposta se limita a aspectos de ordem quantitativa ou contedística (extensão textual, aceitação ou rejeição de certos temas, por exemplo), em detrimento de aspectos qualitativos (em que se incluem, entre outros, o nível simbólico da linguagem e os elementos composicionais das obras). Ignorando-se a verdadeira natureza da literatura em questão, vem, a reboque, o preconceito de leitores ditos

¹ Publicado em *Reinações da literatura infantil e juvenil*, livro organizado por Aldo Lima, Recife, Editora Universitária da UFPE, 2011.

² Professora de literatura da Faculdade Frassinetti do Recife - FAFIRE - e doutora em literatura e cultura pela UFPB.

iniciados e, lamentavelmente, de leitores do meio acadêmico, espaço em que a literatura infantojuvenil ainda ocupa posição de gênero menor.

Na verdade, é preciso muita sensibilidade e domínio de critérios estéticos para se saber qual literatura se adéqua a um leitor em formação, o que não se faz sem passar pela polêmica distinção entre *literatura infantil* e *não infantil*. Vale lembrar que muita gente boa – entre pesquisadores, educadores e escritores – tem se pronunciado sobre o assunto, no sentido de esclarecer a verdadeira natureza da literatura infantil, como também de orientar educadores e mediadores de leitura nessa categorização e na seleção de bom acervo literário para os leitores em formação.

Desde a década de 80 do século passado, Regina Zilberman, entre outros estudiosos, vem refletindo sobre a natureza da Literatura infantil e adverte que a concepção que cerca esta literatura é, usando a expressão de Maria Lypp, *adultocêntrica*. Segundo explica,

embora seja consumida por crianças, a reflexão sobre o produto oferecido a elas provém do adulto, que a analisa, em primeiro lugar, de acordo com seus interesses e que, além disto, a descreve em comparação com o tipo de arte posta à disposição dele, qual seja, a Literatura propriamente dita, sem adjetivos (ZILBERMAN, 1987, p. 35).

Nesta perspectiva, e ainda de acordo com Maria Lypp, acrescenta que “a menoridade do receptor é transferida ao produto literário”, que absorve “o caráter provisório da infância”, convertendo-se numa espécie de “ainda não literatura” (*ibid*, p. 35, 36). Por outro lado, conduzida com propensão preparatória, como se tem observado no meio escolar, a produção literária, direcionada à criança, termina assumindo uma função estritamente educativa e complementar às atividades pedagógicas. Mesmo quando a produção literária para a infância seja constituída de atributos artísticos, o trato metodológico inadequado, ou incompatível com a natureza lúdica da literatura, tem lhe trazido prejuízos, por vezes irreparáveis, inviabilizando uma recepção significativa no sentido de vivência prazerosa, crítica, compartilhada e, portanto, promissora no processo de formação dos jovens leitores.

Buscando parâmetros definidores de uma literatura infantil, Lígia Cadermatori (1995, p. 7, 8) afirma, com aparente despreensão, que, “de certo modo, todo mundo sabe o que é”, mas que de fato há muita controvérsia em torno da questão. Tanto quanto Zilberman, Cadermatori alude que a dificuldade advém do adjetivo *infantil* que nomeia o gênero, determinando, desde logo, o público a quem se destina. Nesta ótica, se produzida para o público infantil, deveria, *a priori*, apresentar linguagem, temas e pontos de vista que

interessem a esse público, o que nem sempre se concretiza, visto que tal literatura é produzida pelos adultos. Por outro lado, a falta de identificação entre autor e leitor, que conseqüentemente determina uma relação de dominação, passa a ser questionada, como adverte Lígia Cadermatori, “quando se considera o lugar de dependência da criança no mundo social” (1995, p. 9).

Sem dúvida, foi essa relação de “dependência” e de “inferioridade” da criança que legitimou grande parte da literatura infantil produzida por muitos anos, notadamente quando da necessidade de sua inserção no sistema educacional norteado pelos princípios burgueses emergentes a partir do século XVIII, fato que só começa a se reverter nas últimas décadas do século passado, quando também se assiste ao início de uma investigação de ordem analítica direcionada à literatura infantojuvenil, revelando, segundo Cadermatori, “o lugar que as personagens e os conflitos das histórias infantis ocupam no imaginário e o papel que desempenham no equilíbrio emocional da criança” (*ibid*, p. 8). Reforçando a importância e a autonomia da LIJ, acrescenta, ainda, que “Trabalhos de vertentes psicanalíticas, sociológicas, pedagógicas têm mostrado que a literatura para criança não é tão inócua assim, e que há algo de sério no reino encantado das histórias infantis” (*ibid*).

Rumo à demarcação dos contornos da literatura infantojuvenil houve quem cogitasse que a ilustração, como atributo imprescindível ao gênero, fosse um elemento primordial caracterizador de sua natureza. Tratando de aspectos de ordem interna e estrutural de obras ditas para crianças, Marisa Lajolo e Regina Zilberman também aventaram esta possibilidade ao enfatizarem que,

se o caráter infantil de uma obra talvez não se defina necessariamente por seus elementos internos, à medida que os livros para crianças foram se multiplicando, eles passaram a ostentar certas feições que, pela freqüência com que se fazem presentes, parecem desenhar uma segunda natureza da obra infantil. É o caso, por exemplo, da ilustração (2003, p. 13).

De fato, o elemento visual é de suma importância para o gênero, cuja qualidade estética e adequação ao teor temático contribuem sobremaneira para que o pequeno leitor crie gosto e interesse pelo literário. Contudo, mesmo reconhecendo a importância dessa mescla entre o visual e o verbal no livro literário infantojuvenil, acreditamos que o elemento ilustrativo, por si só, não faculta a uma obra o estatuto do gênero em discussão. Para além da obra literária, livros didáticos e paradidáticos têm passado por processos gráficos no sentido

de apresentarem ilustrações de boa qualidade, fato que também se justifica pela força que o visual tem exercido nos vários segmentos da vida contemporânea.

Mediar é preciso

Felizmente, à boca da noite,
Eu tinha uma velha que me contava histórias...
Lindas histórias do reino da Mãe d'Água...
E me ensinava a tomar a bênção à lua nova³.

Diante do exposto até aqui, como ficamos a respeito de uma definição “convicente” para a literatura infantojuvenil? Vimos não ser tão simples. Aliás, tratando-se de arte, é sempre difícil enquadrá-la em paradigmas absolutos. Contudo, no intuito de fechar a questão, (ou de ao menos tentar uma saída), tomemos a idéia de Nelly Novaes Coelho (2000), quando afirma que “A literatura infantil é, antes de tudo, literatura: ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização...” (p. 27). Isto implica dizer a que literatura destinada a crianças e adolescentes deve ser dotada dos mesmos atributos estéticos que qualquer outra literatura, ou seja, não há como determinar sua natureza como totalmente distinta da literatura em geral, mas estabelecer proporções qualitativas e quantitativas na seleção/indicação de obras, respeitando-se o nível de maturidade dos leitores. Por outro lado, as oportunidades de leitura devem ser frequentes e mediatizadas de forma competente, para que os leitores possam usufruir do potencial simbólico das obras literárias.

Fiquemos, pois, atentos e sejamos *dialeticamente* sensíveis e racionais, no sentido de saber sugerir obras com padrão estético de valor artístico, que apresentem linguagem singular, com temas que interessem à criança, com pontos de vista que a instiguem a descobrir caminhos e a buscar (novos) significados. Como fenômeno simbólico e representativo, a literatura carece dessas inserções livres e de formas espontâneas de recepção; carece, sobretudo, da intersecção entre a subjetividade do autor textual e a do leitor com seu horizonte de expectativas.

A importante função do professor/educador efetua-se, pois, no sentido de promover experiências significativas de leitura literária, função que poderia ser extensiva aos docentes

³ FERREIRA, Ascenso. “Minha escola” (excerto). In: *Poemas de Ascenso Ferreira*. Recife: Nordestal, 1995, p. 41.

das várias áreas do conhecimento, não ficando restrita ao professor de língua portuguesa. E os alunos, que geralmente não dispõem de uma cultura de leitura, de alguém que lhe estimule o gosto pelo literário – ou de “uma velha que [lhe conte] histórias”, como sugere o poema de Ascenso, em epígrafe –, terminam sem qualquer chance de usufruírem da experiência literária que a escola, em única instância, poderia lhes proporcionar.

Aqui também se faz oportuna a palavra do poeta Drummond, ao evocar o lugar do poético (da literatura) na escola como possibilidade de fruição, de prazer e de conhecimento do mundo:

O que eu pediria à escola, se não me faltassem luzes pedagógicas, era considerar a poesia como primeira visão direta das coisas e, depois, como veículo de informação prática e teórica, preservando em cada aluno, o fundo mágico, lúdico, intuitivo e criativo, que se identifica basicamente com a sensibilidade poética⁴.

Sem dúvida, uma lição a ser apreendida por todos que se dizem responsáveis pela formação de leitores e de cidadãos conscientes.

Enfim, a maioria da Literatura Infantojuvenil Brasileira

Discutidas algumas ideias sobre a natureza e a função estética da literatura infantojuvenil, vejamos, agora, a sua aceção como categoria autônoma em relação à tradição clássica e ao padrão literário adulto (ou não infantil).

Considerando-se o nível inicial de dependência e de inferioridade e as condições de produção fomentadas pela ideologia burguesa, vê-se que a literatura infantojuvenil, hoje, se impõe como categoria autônoma, já atingiu sua maioria, além de ser reconhecida como *sistema literário*, aplicando aqui a tese de Antonio Candido⁵, quando justificara a formação da Literatura Brasileira a partir do século XVIII. Nesta perspectiva, a Literatura Infantojuvenil, a exemplo da Literatura Brasileira, em seu conjunto, já apresenta um público definido, autores que produzem especialmente para esse público, e uma diversidade de obras nos mais variados gêneros e subgêneros.

Pode-se afirmar que a LIJ teve seu início por volta do século XVIII, com os conhecidos autores da tradição ocidental, dos quais se destacam La Fontaine, Charles Perrault, Os irmãos Grimm, Hans Christian Andersen, entre outros. Após a safra de

⁴ Em *Educação do ser poético*, texto publicado no Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, em 20 de julho de 1974.

⁵ Ideia defendida por Marisa Lajolo em mesa redonda realizada no 17º COLE, Campinas, no dia 20 de julho de 2009.

traduções e adaptações de clássicos como *Robinson Crusoe* (Daniel Defoe), *Viagens de Gulliver* (Jonathan Swift), *Dom Quixote de la Mancha* (Miguel Cervantes), entre outros, o Brasil teve seu marco, no século XIX, quando foram escritos os primeiros livros nacionais para criança. Tivemos, também, as Seletas ou Antologias recomendadas por professores para leitura em voz alta. Segundo Regina Zilberman, neste período, os poemas pátrios de Olavo Bilac, em que se destacam a forma fixa e a temática nacionalista exacerbada, foram bastante cultuados. Olavo Bilac, junto com Carl Jansen e Figueiredo Pimentel foram os desbravadores da literatura infantil brasileira (ZILBERMAN, 2005, p. 19).

Contudo, foi com Monteiro Lobato, no início do século XX, que essa literatura toma fôlego. Na obra de Lobato há aspectos que o particularizam e que, sem dúvida, assinalam um momento definitivo na literatura infantil brasileira, em termos de emancipação, criatividade e identidade. Dentre esses atributos, Zilberman (2005, p. 23-24) destaca a presença de agentes infantis, como Pedrinho e Narizinho, ou que reproduzem o comportamento das crianças, a exemplo dos bonecos Emília e Visconde de Sabugosa, fato que aproxima a narrativa do leitor infantil, permitindo identificação imediata. Segundo a autora, as personagens formam “um conjunto de seres inteligentes e independentes”, capazes de agir de forma criativa, desconstruindo o paradigma adultocêntrico até aí predominante. Além do mais, tais personagens passam a representar tipos e ambientes da vida brasileira, traço que confere autenticidade e nacionalidade à obra de Lobato.

Tais características (dentre outras destacadas adiante) passam a constituir importante aspecto que desencadeará a emancipação e a autonomia (ou maioria) da literatura infantojuvenil brasileira, tendo em vista o rico acervo hoje disponível em termos de gêneros diversos e autores de reconhecido valor estético. No gênero narrativo, destacam-se Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Fernanda Lopes de Almeida, Ziraldo, Fanny Abramovich, Lygia Bojunga, entre outros. Entre os poetas, Cecília Meireles, Henriqueta Lisboa, Vinícius de Moraes, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Ascenso Ferreira, Ulisses Infante, José Paulo Paes, Maria Dinorah (muito embora não tenham escrito exclusivamente para os pequenos leitores, com exceção de Maria Dinorah), boa parte de suas obras tem sido apreciadas por esse público, havendo, inclusive, antologias (algumas organizadas por eles próprios) que são verdadeiras obras primas do gênero. Entre elas, destacam-se *Ou isto ou aquilo*, *A arca de Noé*, *Poemas para brincar*, *Berimbau e outros poemas*, *Antologia de poesia brasileira para crianças* (seleção de Célia Ruiz Iáñez), *Poesia fora da estante*

(organizada por Vera Aguiar). Há também autores que produziram tanto o gênero narrativo quanto o poético, a exemplo de Sylvia Orthof, Elias José, Sérgio Caparelli, Bartolomeu de Queirós, Roseana Murray, Mário Quintana, Lenice Gomes, entre outros.

Como mencionamos anteriormente, a ilustração é um elemento de suma importância na composição estética do livro infantil. Grande parte das obras destinadas a crianças e adolescentes ganhou destaque dividindo o mérito, quase que meio a meio, entre o escritor e o ilustrador. Há ainda os casos em que as duas tarefas são executadas por um mesmo autor, como é o caso de grande parte das obras de Ziraldo e algumas de André Neves.

No conjunto da literatura infantojuvenil brasileira, há um bom número de ilustradores que tem se dedicado à causa com muita seriedade, o que também tem contribuído sobremaneira para fortalecer a autonomia dessa literatura enquanto sistema literário. Por outro lado, a harmônica relação de complementaridade entre código escrito e código visual no livro literário infantojuvenil tem apontado a importância da imagem visual no processo cognitivo (decodificação) da linguagem verbal escrita, tendo em vista que é no intercâmbio dessas duas linguagens que se fortalece a percepção estética e o pensamento lógico. Por conseguinte, o desconhecimento desse processo cognitivo vivenciado na iniciação literária, bem como a falta de instrumentalização dos mediadores da leitura do ponto de vista estético e metodológico, tornam-se verdadeiros empecilhos na consolidação do gosto pela leitura a ser adquirido no período da infância. Assim, entre os aspectos lúdicos da obra literária destinada à infância, o mediador deve saber aquilatar o elemento ilustrativo como recurso de suma importância em sua composição.

Veremos, a seguir, como se evidencia a transição da imagem visual para a imagem verbal na formação do leitor, e como o diálogo entre essas duas formas de linguagem (verbal e não verbal) podem traduzir a riqueza e a diversidade cultural da literatura infanto-juvenil contemporânea.

Da imagem à palavra: um mosaico de múltiplas representações

A imagem tem ocupado lugar de destaque na sociedade moderna não só na produção gráfica e editorial, mas em vários outros seguimentos, a exemplo do que ocorre no setor publicitário, no espaço virtual. Por conta disso, é notório que as publicações literárias tenham primado por ilustrações de qualidade, visando, assim, garantir a preferência do

público consumidor, ampliando, por sua vez, o mercado para designers, ilustradores e outros profissionais do meio editorial.

Não é nossa pretensão discutir amiúde questões pertinentes à natureza e às tipologias da imagem, nem tampouco o que está subjacente aos mecanismos editoriais no que concerne à circulação do livro infantojuvenil, mas mostrar algumas modalidades literárias (e respectivos autores/obras) em que a imagem visual se faz decisiva no processo de motivação e de transposição para o nível abstrato e convencional do código escrito, fortalecendo, por outro lado, uma expressividade peculiar e representativa da emancipação e da identidade cultural da literatura infantojuvenil.

Um bom livro, do ponto de vista estético e com qualidade material, pode fascinar o leitor iniciante, mesmo aquele que ainda não seja capaz de decifrar os textos nele escritos, apenas pelo que está representado em suas ilustrações. *Flictz*, de Ziraldo, publicado pela Editora Melhoramentos, é um excelente exemplo. Conforme Regina Zilberman, “*Flictz* não seria um livro sem as imagens que o compõem” (2005, p. 155). De fato, o livro é uma obra prima, mescla de tonalidade narrativa, recurso plástico e efeito poético que se integram numa totalidade. A obra infantil da dupla Mary e Eliardo França, notadamente da Coleção Gato e Rato, da editora Ática, também é digna de destaque. Esta coleção agrada em cheio aos que ainda se encontram na fase de aquisição do código escrito, momento em que o livro oferecido deve conter poucos textos escritos em relação às ilustrações que devem ganhar terreno no contexto da obra. Entre outros da coleção, *A galinha choca*, *O pote de melado*, *Que perigo!*, *Tuca*, *vovó e Guto* são livros primorosos. Vale a pena conferir.

Também merecem destaque alguns livros de poesia direcionados à criança, cujas ilustrações, de excelente qualidade, têm corroborado a propagação do gênero no meio editorial nestes últimos anos. Entre outros, destacam-se o já citado *Ou isto ou aquilo* (de Cecília Meireles, com ilustração de Beatriz Berman), *Poemas para brincar e Olha o bicho* (de José Paulo Paes, ilustrados respectivamente por Luiz Maia e Rubens Matuck), *No mundo da lua* e *Receitas de olhar*, (de Roseana Murray, ilustrados respectivamente por Sônia Barbosa e Elvira Vigna), e muitos outros que, de forma criativa e sensível, valorizam a poesia popular, as raízes culturais e a vertente folclórica, como é o caso do clássico *Guriatã, um cordel para menino*, de Marcus Accioly (com ilustrações de José Cavalcante e Ferreira, conhecido como Dila), das obras do mineiro Elias José e da pernambucana Lenice Gomes. De Elias José, destacam-se *Poemas de encantamento* (ilustrado por Mariângela Haddad),

Ciranda brasileira (com xilogravuras de J. Borges), *Félix e seu fole fedem* (ilustrado por Nelson Cruz) entre outros. De Lenice Gomes, *Viva eu, viva tu, viva o rabo do tatu* e *Quando eu digo digo digo* (ilustrados por André Neves), e *O tempo perguntou pro tempo* (ilustrado por Rosinha Campos) são apenas algumas referências dessa escritora que vem produzindo intensamente e conquistando seu espaço entre os pequenos leitores.

Os livros de imagem (ou livros sem texto escrito) têm se multiplicado por serem bem aceitos pelo público de várias idades, muito embora tenham sido mais recomendados para os que ainda não decodificam as palavras. Entre outros autores-ilustradores, destacam-se Juarez Machado (*Ida e volta*), Ângela Lago (*Cena de rua* e *Outra vez*), André Neves (*Seca*), Eva Furnari (*Trucks* e as histórias de “uma bruxinha muito atrapalhada”), Semíramis Paterno (*Vida moderna*), Rosinha Campos (*Branca*), Roger Mello (*A pipa* e *A flor do lado de lá*), Graça Lima (*Só tenho olhos para você* e *Noite de cão*) e ainda as histórias da Coleção *Dentro e fora*, da Ática, da dupla Liliana Iacocca e Michele Iacocca, bem como as da série *Ratinho*, da Melhoramentos, de Monique Félix. Esses exímios artistas têm mostrado que nem só da palavra escrita vive a literatura. Por outro lado, a importância dos livros sem texto escrito tem sido aquilatada graças ao dinamismo e à expressividade das histórias construídas na sequência dos quadros, cujos enredos, reelaborados pelos leitores das imagens, constituem um excelente recurso para estimular o exercício da oralidade, promovendo oportunidades para que o leitor elabore espontaneamente sua própria narrativa, adquirindo, assim, o domínio das estruturas linguísticas que poderão alicerçar sua competência no aprendizado do código escrito.

As histórias em quadrinhos também fazem parte do universo literário infantojuvenil. Resultante da combinação de recursos visuais e linguísticos, as histórias em quadrinhos, como modalidade autônoma, com recursos próprios, constituem um gênero literário à parte. Sua especificidade também decorre do caráter lúdico e ficcional das histórias, bem como da força comunicativa de seu discurso. É inegável que através da leitura das HQ o leitor possa usufruir de momentos prazerosos e desenvolver o espírito crítico, considerando-se, principalmente, a forma bem humorada e contestatória de reconhecidas produções de autores como o argentino Quino (as famosas tiras de Mafalda) e dos brasileiros Ziraldo e Maurício de Souza.

Apesar do preconceito com que as HQ foram recepcionadas no meio escolar, atualmente já são aceitas com menos hostilidade, sendo, inclusive, inseridas nos livros didáticos e acatadas como objeto de estudo no meio acadêmico.

Um dos motivos da receptividade deste gênero entre os jovens leitores (como também entre os adultos) deve-se ao modo com que as personagens representam os seres comuns em seu cotidiano, cujas ações e sentimentos, positivos e/ou negativos, são condizentes com a natureza contraditória e universal do ser humano. Por outro lado, os leitores se identificam com questões existenciais vivenciadas no contexto ficcional e, no caso da produção brasileira, alguns quadrinhos apresentam particularidades regionais sem prejuízo a sua transposição para o âmbito universal. É o caso do *Chico Bento*, criação de Maurício de Souza, personagem da Turma da Mônica, cujo comportamento reflete a condição de indivíduo estigmatizado por seus pares por apresentar uma cultura diferente da dominante em seu meio. É evidente que a temática e os motivos veiculados nesses quadrinhos apresentam, como referência inicial, um contexto que identificamos como o nosso. Contudo, a problemática tende a transcender o regionalismo para significar uma questão social vivenciada por indivíduos alhures e algures, principalmente tratando-se de quadrinistas da estirpe daqueles mencionados anteriormente. Respeitando-se as respectivas particularidades, o mesmo pode se inferir à esperteza da *Mônica* ou ao problema fonológico do *Cebolinha* (também de Maurício de Sousa), ou ainda à vivacidade estonteante do *Menino Maluquinho*, de Ziraldo, pois a criança de qualquer contexto poderia igualmente se identificar com atitudes ou dificuldades experimentadas pelos personagens em questão. Esta identificação é prova incontestada da natureza literária do gênero HQ, cabendo aos educadores e mediadores a devida instrumentalização a fim de possibilitar sua inserção nas práticas de leitura.

Porque, afinal,...“imagem passa palavra”!⁶

Para finalizar este breve estudo, reiteramos a importância do recurso visual (ilustração) nas obras literárias infantojuvenis, reconhecendo o valor deste componente como meio de firmar o interesse do leitor iniciante na leitura literária. Sua importância também reside no fato poder ampliar e significar o universo representado graças à dinâmica intersemiótica que

⁶Título tomado por empréstimo à revista *IMAGEM PASSA PALAVRA*, publicada em 2ª edição, em Porto: Universidade do Porto, Portugal, Faculdade de Belas Artes, 2004. (Coleção Identidades Intercâmbio Artístico)

estabelece com o tecido literário. Por outro lado, a imagem tende a funcionar como elemento facilitador de sua própria ultrapassagem, visto ser, a partir da percepção sensorial, estimulada pelas imagens visuais no percurso iniciático, que o leitor estará racionalmente pronto para atingir o *status* de decodificador das convenções linguísticas sem qualquer atrapalho.

Seguindo a lição de Ruth Rocha, ao afirmar que “A história é mais real do que qualquer explicação⁷”, lembremos, aqui, uma obra interessante de Ziraldo, intitulada *O menino quadrado*. A obra traz em seu enredo a própria história (a metáfora) da mencionada ultrapassagem, ou seja, a transição do leitor da fase de maior interesse pela imagem e pelo efeito sensorial para o mundo abstrato e convencional da palavra escrita. Senão vejamos.

O livro apresenta o protagonista e seu ambiente através de recursos em estrutura quadrinizada, focalizando-o ora por inteiro, em cada moldura, ora distribuídos em partes, fragmentado em diversos quadrinhos. O protagonista emite poucas falas, as quais, inseridas nos balões, efetivam a função metalinguística e conativa no discurso, vez que o leitor é interpelado a apreender os próprios recursos utilizados nas histórias em quadrinhos, a exemplo das onomatopéias, das cores, dos super-heróis, entre outros. O personagem, embevecido com a magia dos quadrinhos, termina mergulhando num sonho do qual desperta atônito por se encontrar fora do mundo colorido dos quadrinhos. A partir de então, e para a surpresa do personagem, começa a sua descoberta no mundo das palavras. Desaparece a coloração, os quadros se escasseiam, e a personagem, já despojada daqueles componentes lúdicos, põe-se a conclamar os elementos desaparecidos, ao passo que vai progressivamente penetrando e se encontrando na senda linguística. No percurso, o leitor poderá perceber uma alusão ao poema *Procura da poesia*, de Carlos Drummond de Andrade⁸, significando que, já nas linhas textuais, em que o tamanho das letras vai se reduzindo até chegar à fonte 12 – comum na maioria dos textos impressos –, o personagem prossegue em sua nova descoberta, sentindo-se capaz de, com sua própria chave, desvendar o mistério das palavras que se ocultam “em sua face neutra”. Sem dúvida, uma obra que sugere, de forma singular, que as HQ possibilitam leituras tão significativas quanto qualquer outro gênero textual.

⁷ In: BASTOS, Dau, 1995, p. 59.

⁸ ANDRADE, Carlos Drummond. *Nova reunião*: 19 livros de poesia. 3. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987, p. 111, 112.

Apropriando-nos do título da revista *Imagem passa palavra*⁹, cuja proposta fora estabelecer um diálogo entre literatura e artes plásticas, trazemos a idéia para este artigo, no sentido de ratificar, como dito anteriormente, que a imagem visual – a ilustração – abre as portas para o ingresso do leitor no mundo das palavras. Há, contudo, quem se oponha a esta idéia, a exemplo dos que rejeitaram as histórias em quadrinhos como instrumento de formação de leitores, alegando tratar-se de leitura vulgar, de péssima categoria temática e vocabular. Pensando de forma distinta, cremos que a leitura das HQ pode contribuir, e muito, para a formação do gosto pela leitura. E com o tempo, o leitor das imagens visuais, como o das HQ, saberá interpretar uma exclamação (!) sem que necessite de uma figura com olhos arregalados; uma onomatopéia, como “chuá”, não precisará do desenho de uma cachoeira ou da correnteza de um riacho para representar o ruído da água; e muitas outras convenções da língua escrita serão espontaneamente assimiladas por esse leitor evoluído, iniciado, que num passe de mágica trará a sua chave e criará suas próprias imagens no reino das palavras.

Referências

BASTOS, Dau. (Org.) **Ana e Ruth: 25 anos de literatura: textos de Carlos Moraes e Marisa Lajolo**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1995.

CADERMATORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

FERREIRA, Ascenso. **Poemas de Ascenso Ferreira**. Recife: Nordestal, 1995.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2002.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história e histórias**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2009.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 6. ed. São Paulo: Global, 1987.

_____. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

⁹ Conforme nota 6.

ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Literatura e pedagogia: ponto & contraponto**. 2. ed. São Paulo: Global; 2008.

ZIRALDO. **Flietz**. 20. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1990.

_____. **O menino quadrado**. 14. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1999.

Recebido em: 09/06/2014

Aprovado em: 04/08/2014

Para referenciar este texto:

JAMIR E SILVA, Liliane Maria. Autonomia estética da literatura infantil e juvenil e formação de leitores: da imagem à palavra escrita. **Revista FAFIRE**, Recife, v. 4, n. 1, p. 69-81, jan/jun.2011.